

vária



JEAN CARDONNEL

Como um cristão vê a China Popular

(Continuação da pág. 3)

N. T. — *Conhecemos muitas pessoas que se dizem comunistas, mas que o são apenas pensando em defender o «seu tacho»...*

J. C. — Isso mesmo. A propósito, ouvi um dia um dirigente chinês que em Xangai dizia a sorrir: muitas pessoas têm dificuldade em compreender a China Popular, porque para eles é muito difícil compreender «que seja possível pensar continuamente nos outros»...

Para mim a China Popular é o desafio colectivo ao «realismo ocidental». Na minha infância, ouvi muitas vezes: «não sejas utopista; os homens não podem avançar senão pelo lucro, pela vantagem que o dinheiro lhes dá.» Consta-se hoje que nas nossas sociedades industrializadas e mesmo nas sociedades socialistas da Europa há a inflação, o desemprego, a crise económica, porque o motivo principal é ganhar dinheiro. Eu vi, pelo contrário, avançar a única sociedade que não tem inflação, a única sociedade guiada por motivos altruístas...

É por isso que a experiência chinesa não me põe problemas ao nível da fé, porque eu acho simplesmente que as nossas sociedades nunca evangelizaram os reflexos. É mais fundo que os conceitos estão os reflexos seculares. E os reflexos seculares são a apropriação, a consideração de si mesmo.

SERIA CONTRA-REVOLUCIONÁRIO ATACAR A RELIGIÃO DO POVO

N. T. — *Isso levanta-nos uma questão fundamental: como passar do cristianismo sociológico, que se vive aqui em Portugal, a uma vivência evangélica?*

J. C. — A única resposta é o que já disse acima: «morrer para viver.» Concretamente, parece-me difícil de evitar um período de eliminação dos «costumes cristãos». Lembro-me dum amigo francês que viveu no Brasil e dizia que a Igreja não sairá do impasse se não deixar de viver do culto. É o que eu chamo «romper com a religião», porque na essência, «o cristianismo não é uma religião».

N. T. — *Sabemos que a China Popular não foi influenciada directamente por religiões, mas pela moral budista. Entretanto, em Portugal, queiramos ou não, o povo é religioso. Não terá esta religiosidade popular um papel a desempenhar na libertação do povo? Que fazer da religião destas pessoas?*

J. C. — Dantes, eu fazia sempre uma distinção muito grande entre fé e religião. Agora, vejo isto doutra maneira. É não ter o sentido das realidades ver a história da humanidade abstraindo da religião. Porque as religiões pertencem, gostemos ou não, à história da humanidade. E com tais raízes que, mesmo nas sociedades que se pretendem libertas de toda a fé e de toda a religião, vemos reaparecer sob outras formas a sistematização religiosa. Isto parece-me que responde a uma necessidade de segurança.

Seria um grande erro político (digo bem, político) ou, como se diz em Portugal a toda a hora, seria ser muito reaccionário, muito contra-revolucionário atacar a religião do povo. Em vez disso, é preciso trabalhar com ele para fazer desabrochar as virtualidades de transformação da fé comprometida com a religião. E fazendo desabrochar as virtualidades revolucionárias da fé, ajudá-lo a eliminar progressivamente (porque é difícil) todos os elementos de passividade, de conservação da mistura da religião com a fé. É um bom trabalho a

fazer com os camponeses e as outras camadas sociais. E, sobretudo, estar depois muito atento às reconstituições religiosas(...)

Já João XXIII dizia que «é preciso retirar toda a poeira que se acumulou na Igreja desde Constantino» — esse cristão feito a martelo que acreditava mais no Deus Imperador Todo-Poderoso que no Cristo — Deus feito homem(...)

N. T. — *Jean Cardonnel, como vê o futuro da Igreja? Fala-se muito nas pequenas comunidades: que são?*

J. C. — Futuro? — Se eu o descrevesse estaria a fazer uma «maquette»... Quanto às comunidades, acho-as importantes, com uma condição: que elas não se marginalizem. Porque, se há coisa com que eu não posso, são as «élites».

Esquecia-me de sublinhar que a definição da Igreja no Vaticano II como «Povo de Deus» é letra morta, porque é apenas uma definição. Na realidade, não há um só Povo de Deus; há duas categorias: as «élites» (padres, religiosos, etc.) que devem seguir os conselhos evangélicos, e o resto do rebanho a quem basta observar os mandamentos. Lembremos o caso do jovem rico do Evangelho. Quando Jesus lhe propõe o ideal evangélico ele vai-se, porque tinha muita riqueza. E Jesus deixou-o ir. Em casos semelhantes, a Igreja dir-lhe-ia: «não te vás; continua a cumprir os mandamentos, mesmo sem o resto, mas fica!» Porque a Igreja não quer perder a clientela(...)

Creio que hoje a grande alternativa não é Deus ou antideus é a massa das pessoas ou as «élites». É preciso fazer mergulhar as «élites» na convivência com todos. Neste sentido, eu digo que a Igreja ainda não existe, está a fazer-se!

TRABALHO DE
J. M. e A. E.